



O CREPÚSCULO¹ E O RELICÁRIO²: UMA RELAÇÃO DE DENTRO E DE FORA NAS SALAS DE AULA³

Kamylla Rodrigues Pereira da Silva
kamyllahistoria@hotmail.com
(UEPB)

Resumo

O saber histórico nem sempre andou de mãos dadas com o saber memorialístico. Esta relação aponta na Grécia antiga e atravessa os tempos como tem de ser: Circundada de mudanças e rupturas. Passando pelo século XIX e desembarcando no século XX a História atravessa suas décadas admitindo e descartando possibilidades. Assim a memória torna-se uma possibilidade e para além disso, uma fonte importantíssima. Com a (re)valorização desta é preciso que haja valorização daqueles que tão subjetivamente a permitem “simplesmente” contando-as: Os idosos. Estes fazem um relicário de suas lembranças desempenhando papel fundamental e primordial em várias sociedades, marcando, familiarizando e criando identidades. Valorização esta imposta pelo estatuto do idoso, que os torna vítimas e que corrobora com um discurso social que os elimina de ser. Discurso que diz o que estes têm de fazer, como, e de que forma a sociedade deve “lidar” com eles. Desta forma acredita-se que inserir o idoso como sujeito e para, além disto, como contribuinte cultural dentro das salas de aula é o primeiro passo para romper as barreiras impostas por uma sociedade que só se interessa pelo cidadão enquanto dele pode explorar sua força de trabalho. O presente artigo tem como propósito observar essas relações historiográficas e essas memórias tão caras a sobrevivência de inúmeras sociedades e daqueles que as guardam e as transmitem, evidenciando e refletindo dentro das salas de aula a narração memorialística dos idosos feita a partir de um lugar de autoridade, a partir de suas cargas de vivido. Acreditando que por meio desta proposta, pode-se estar contribuindo para que os mais jovens venham a conviver melhor com os mais velhos num sistema de respeito e de troca constante de conhecimentos que evidentemente deve ocorrer nos dois sentidos, já que consideramos que os jovens também podem contribuir para os mais velhos. Estas discussões são frutos de pesquisas feitas a partir do projeto de pesquisa/Pibic que desenvolve reflexões e contribuições acerca das memórias dos velhos. Para este, utiliza-se como referencial teórico (revisões bibliográficas) estudos destinados a pensar a relação entre historiografia e memória como a Teogonia de Heráclito e os estudos sobre memória coletiva de Halbwachs, a relação subjetiva entre lembrança, perdão e esquecimento pedindo licença ao saber filosófico para refletir a partir das contribuições de Nietzsche, Platão, Deleuze, Sartre, (dentre outros) e a figura do sujeito idoso dentro destas relações, a partir dos estudos de Ecléa Bosi, Simone de Beauvoir, Mercadante, Edgar Morin e etc. Pensando como este tem sua importância historiográfica marcada pela relação memória/oralidade. Do que já fora lido e refletido (leituras ainda estão sendo feitas) alguns resultados já foram alcançados. Reflexões a cerca do saber histórico e sua relação com a memória, reflexões acerca da memória dos idosos e dos próprios idosos. O que fica evidente é que o velho é uma categoria social, portanto criada, além de ser um destino individual. Há inúmeros emblemas que estão associados a ele, emblemas que o tiram de sua força criadora e vitalidade e emblemas que os mascaram forçando-os sutilmente a ser outro e a agir como outro, embasado pelo discurso da negação do envelhecimento e pela ausência de interesse na questão idosa, por isso torna-se essencial não criar apenas um estatuto do idoso, mas modificar aos poucos o olhar social com relação à terceira idade acredita-se que esta valorização deve começar dentro das salas de aula, evidenciado e fazendo os alunos refletir acerca da importância do sujeito idoso, principalmente no que desrespeito a criação de identidades, a tornar calmas as ondas turvas e a fazer

¹ Ruben Alves em seu livro *Ostra feliz não faz pérola*, utiliza a palavra crepúsculo pra designar a velhice, é no crepúsculo que se vê uma beleza tranquila, silenciosa, é no crepúsculo que tomamos a consciência do tempo onde o movimento das cores o torna passageiro, fluido.

² Palavra retirada da música homônima do cantor Nando Reis.

³ Este texto nasceu do projeto de pesquisa: Memórias nas margens: Histórias de velhos, orientado pela professora Dra^a Auricélia Lopes Pereira, lotada na coordenação de História.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

das relações sociais que já foram, não um cemitério, e sim vida, uma vida que pode ser comparada, diferenciada, ressignificada, mas nunca finda. Afinal, depois do filho, vem o pai o avô...

Palavras-chave: Historiografia. Memória de Idosos. Educação.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre⁴.

“Nada é permanente, exceto a mudança”. Parafraseando Heráclito⁵ inicio este artigo não para realizar uma genealogia do fazer historiográfico até porque este trabalho já fora feito exaustivamente, mas para perceber rapidamente como a memória e a história foram se auxiliando e se descartando desde seus “surgimentos” na Grécia antiga até meados do século XX. Século este que será marcado dentre outras coisas no campo historiográfico pelo uso necessário da memória e pela recorrência também necessária daqueles que socialmente foram encarregados dela: os idosos.

A memória num significado primeiro da expressão é a presença do passado. Essa simultaneidade de tempos e espaços. Seu surgimento é datado na Grécia antiga e narrado por Hesíodo em Teogonia⁶. Neste a origem dos deuses conta que no princípio surgiu Gaia (a Terra) de amplos seios, que antes de tudo gera para si própria um consorte, Urano (o Céu). Juntos produzem numerosa descendência. Entre outros seres fantásticos, a hierogamia primordial grega gera os Titãs, e entre eles Mnemósine. A palavra grega prende-se ao verbo *mimnéskein*, que significa "lembrar-se de". A titânida Mnemósine, assim, vem a configurar no universo mitológico grego a própria personificação da *Memória*.

⁴ SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1984

⁵ SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-socráticos. Primeiros mestres da filosofia e da ciência Grega**. 2ª edição. Porto Alegre: edipucrs, 2003. P. 167-271.

⁶ HESÍODO. **Teogonia, A Origem dos Deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo: Iluminuras, 1992.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Mas o mito nos diz mais. Ele nos diz que um dos Titãs, Cronos, depois de destronar o pai despótico e instaurar um governo ainda mais despótico, é por sua vez destronado por seu filho Zeus num terrível combate. Para celebrar, Zeus une-se durante nove noites consecutivas à Mnemósine, e desta união nascem nove filhas, as cantoras divinas que tinham por função primeira presidir as diversas formas do pensamento: sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. São as nove Musas. A própria *Teogonia* se inicia com a invocação às Musas. O poeta rapsodo, o aedo, através da palavra cantada, guarda a visão de mundo e a consciência histórica do grupo social em que se gerou, ou seja, a comunidade pastoril anterior à formação das cidades na Grécia.

É o dom de Mnemósine: conduzindo o coro das Musas, confundindo-se mesmo com elas, preside a função poética. A Grécia arcaica da mesma forma que diviniza a função psicológica da Memória diviniza a possibilidade de suas funções: a poesia é uma espécie de possessão pelas Musas, de delírio divino que toma o poeta e o transforma no intérprete de Mnemósine, daquela que tudo sabe, e como nos canta Hesíodo *"inspiraram-me um canto divino para que eu gloreie o futuro e o passado"*. (p.31-32).

A atividade do poeta orienta-se preponderantemente para o passado, e mais especificamente para o "tempo original". A Mnemósine mítica aparece mesmo no início dos tempos, filha de uma primeira geração divina, presente naquele tempo originário que o canto de Hesíodo nos apresenta possuído pela inspiração das Musas. Não é, pois, um passado qualquer que se apresenta no canto do poeta: é a própria possibilidade de ser do mundo, o próprio momento gerador cujas consequências se veem no mundo presente, neste mundo visível em que vivemos. O canto das Musas evoca Memória que presentifica níveis diferentes de ser: nos leva ao momento mesmo em que se constituem Terra e Céu, em que Zeus combate os Titãs, em que o mundo vem a ser o que é. O canto das Musas é, assim, revelação e conhecimento do mundo.

Desta forma a história (Clio) filha de Mnemósine e Zeus era responsável por não deixar desaparecer os feitos do mundo Grego, da idade heróica, da idade das origens. Para que o poeta não se esquecesse desses feitos deveria estar possuído pela memória, que, aliás, era fator primordial para tornar os homens perfeitos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Se na mitologia grega história e memória faziam parte de uma mesma árvore genealógica e suas artes estavam interligadas, o mesmo não acontece quando o saber histórico passa a ser científico. No século XIX a história institui-se enquanto ciência, enquanto disciplina, sendo assim é preciso que os historiadores se armem de métodos, se armem de: “como fazê-la”. Fazer história resultou então em mantê-la distante do campo subjetivo que ao entender de alguns historiadores a deixaria distante o suficiente da tão cara, almejada e “iludida” verdade. Porém, como na frase parafraseada de Heráclito o fazer histórico muda, sofrendo rupturas e ajustes que permeiam todo o século XX. Se uma obra como *La mémoire collective* (1950), de Maurice Halbwachs era vista com desdém, nas décadas seguintes apresentou importância fundamental, tão fundamental que alimenta inúmeros trabalhos sessenta e dois anos depois.

A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresenta mais como tarefas inocentes, não parecem mais objetivas, os historiadores passaram a considerar fenômenos com a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a subjetivação.

É a partir deste momento, momento em que essa relação torna-se desejada, que os historiadores voltam-se para os guardiões memorialísticos de várias sociedades, os idosos. Se as sociedades de tradição oral que veneravam seus idosos por sua memória eram antes descartadas ou consideradas a-históricas, passam a ser meios de estudos e aprendizado.

Culturas indígenas e africanas tornaram-se não apenas objetos de pesquisa de vários campos do saber, como também trouxe para as sociedades contemporâneas reflexões acerca do ser idoso e para, além disso, reflexões sobre como este é tomado pelos demais.

O “ser” idoso é uma construção social e biologicamente natural, e não fala-se apenas da nomenclatura, mas de seu espaço, seu tempo, sua função, sua relação com o outro. Está impregnado de estereótipos que o tornam a-histórico, passivo não apenas de um meio social, mas de sua própria vida, (daí a existência dos asilos).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

“A escritora Simone de Beauvoir⁷ fala que a velhice pertence à categoria dos “irrealizáveis” de Sartre, isto porque o sujeito idoso não pode ter uma experiência interior plena do ser velho. Trata-se, portanto, de uma experiência em si própria, irrealizável: O que somos para outrem, é impossível vivê-lo no modo do para-si.

O velho não pode conceber sua imagem como é para os outros, ou seja, ele não pode assumir a velhice enquanto exterioridade nem pode assumi-la existencialmente, tal como ele é para o outro, fora de si. É o olhar do outro (aquele que observa do exterior), que sinaliza nosso envelhecimento, nossa decadência. Em linhas subsequentes, a referida autora nos adverte:

[...] para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos veem, cada uma à sua maneira e nossa própria percepção, certamente, não coincide com nenhuma das outras. (BEAUVOIR, 1990, p. 363-364)

Que cumplicidade se encontra no olhar dos outros? O que ninguém quer ver de si? Partindo desta ideia, o velho será sempre o outro, em quem não nos reconhecemos. Como nos diz Carlos Drummond de Andrade: “os outros enxergam a velhice que se esconde em nós”⁸.

O mundo contemporâneo vem mudando o sentido do “envelhecer”, mas o que se pergunta é: não será apenas uma máscara social? Assim como o paliativo que usamos para ocultar o preconceito existente contra homossexuais, negros, mulheres e etc.? “Atualmente associa-se o termo “terceira idade” com o termo” melhor idade”, e alguém pode estar se perguntando: Ainda pode-se dizer que os idosos estão na categoria dos irrealizáveis de Sartre? Eles já não vão para as academias de ginástica, utilizam a internet, fazem plásticas, praticam esportes, viajam, curtem festas, e etc.? Nesta perspectiva o idoso atua como socialmente se espera que atuem jovens e adultos. O problema disto é que acabou se colocando sobre o idoso uma responsabilidade de mostrar-se sempre ativo, produtivo, saudável, “com uma aparência mais jovem”, e para, além disto, há quase total negação das condições biológicas que a velhice acarreta o que não é de ser espantar em uma sociedade que cultua e define o que é ser belo, exigindo que todos se enquadrem nos seus padrões de beleza.

⁷ BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1990. (P. 363-364).

⁸ DRUMMOND, Carlos de Andrade. **O avesso das coisas**. Rio de Janeiro. Record, 1987 (p.158)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O idoso, mesmo com todas as mudanças sociais que ocorreram e continuam a ocorrer ainda permanece como o outro, continua a ter que cumprir papéis impostos pelo outro, fica sem saber bem onde se colocar, qual é o seu lugar, o que quer e o que querem dele, o que pode fazer, onde pode contribuir enfim, são perguntas que a sociedade não responde.

A sociedade o descarta, tirando-o “delicadamente” de seu posto de direção, o incapacita pela perda da força de trabalho, enche-o de “ocupações” como já fora citado anteriormente, torna-o cada vez mais dependente (mesmo aparentemente dando-o independência), não expõe suas opiniões, aliás este não deve ter opiniões, agora é a idade de descansar e desfrutar os últimos anos de vida e deixar que os outros se encarreguem de resolver os problemas, tem sempre de ser generoso e gentil (afinal, os anos lhe proporcionaram uma experiência que beira a sabedoria) nunca se irritar, sempre perdoar e nunca se esquecer, afinal quem nunca viu um idoso se maldizer por não lembrar onde havia deixado o copo, ou o nome da antiga vizinha?

O papel do lembrar como já fora dito anteriormente, define o idoso em inúmeras sociedades. Na África, por exemplo, os **griotes** são guardiões da memória e responsáveis pela transmissão dos conhecimentos aos mais novos. A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. Nesse sentido, a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada por esta cultura. Os seus griotes relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, deverão ser ouvidas entres as gerações seguintes.

O papel de lembrar encarregado ao idoso não se dá de forma homogênea em todas as sociedades, mudando de importância e intensidade. O fato é que o idoso lembra, onde há crescimento de imagens de outrora, onde há a necessidade de distinguir e se avaliar pelo que é e pelo que foi. Segundo Ecléa Bosi⁹: *Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais.* (p. 81)

Essa busca do que foi nunca dirá exatamente como foi, afinal lembrar não é reviver, mais ressignificar o vivido, dar-lhe nova roupagem, sentimentos e experiências imediatas. Quando lembra, o idoso não está apenas devaneando em seu passado, está selecionado o que lembrar de

⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

acordo com a necessidade presente, procurando comparar, se esconder, exaltar, sonhar, aconselhar. Além de entender que a lembrança está repleta de presentes, é preciso que se esclareça também que a memória do idoso não é pura, ou seja, não é dela e apenas dele, afinal ele fora afetado pelas pessoas com quem conviveu, pelas instituições da qual fez parte, pelo grupo no qual esteve inserido.

Um dos maiores estudiosos da memória, Halbwachs¹⁰ (2006) impulsiona o seu caráter social, as referências exteriores, como a mola propulsora na definição do tema. Para ele, não sendo inteiramente isolada e fechada, a memória individual provê o conhecimento da memória coletiva. Segundo Halbwachs: *Para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade* (2006, p. 72).

Na evocação do depoimento da testemunha e do contexto referencial sobre o qual transitam o grupo e o indivíduo que o atesta, como forma de reconstruir o que se chama memória. Acredita-se, que o ato de recordar é algo que se realiza em sociedade, pela presença ou evocação. É preciso ressaltar, que mesmo sob as bases de uma comunidade, são os indivíduos que se lembram e essa memória individual representará um, entre muitos pontos de vista possíveis acerca da memória coletiva. Nossas lembranças mais pessoais não podem prescindir da ambiência coletiva onde estamos inseridos e, portanto, influenciados pelas suas transformações. A memória individual, não podendo se engendrar isoladamente, se coaduna às lembranças de outros, na interação diária com o grupo, em conversas e leituras que ajudam a interligar memória pessoal e memória social.

Exatamente por essa memória social imbricada a subjetividade é que o depoimento dos velhos torna-se tão importante, muito podem nos familiarizar com o que foi, muito podem contribuir com a história. Falam sobre aquele governo que fora ruim, fala sobre aqueles anos onde brincavam nas ruas até o anoitecer, pois a violência era bem menor, falam sobre os casamentos arranjados, sobre os amores desmanchados, sobre o modo de se portar das moças, sobre o flerte dos rapazes, sobre a educação rígida dos pais, ou seja, nos trazem mundos não vividos, nos fazem

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: vértice, 1990.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

comparar e refletir. Narram-nos um mundo fantástico de sonhos em preto e branco, de sonhos coloridos, emergem para dentro de si com uma profundidade quase surreal, misturam sonhos não realizados conformados, ou que continuam desejosos, misturam realidade, imaginação, emoção, razão, meninice, maturidade e despejam assim em nossos olhos e ouvidos um instante de suspensão, um instante par além das fronteiras do mundo.

As narrativas orais, ouvidas dos velhos, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais, são influenciadas, indiscutivelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais, sociais e outros aspectos. É justo dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. Nesse sentido, Walter Benjamin¹¹ (1980) entenderá a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, consoante o movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível conceber narrativa separada da ideia de memória. O narrador, incumbido do trabalho de rememorar, ainda que nos relate histórias marcadas por visões de mundo próprias e peculiares, transcende a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, portanto, social, formada, como se quer reiterar, na esteira do grupo a que pertence.

A narrativa perdura enquanto houver ouvidos atentos para ela, atentos e desejosos de outros mundos, outras histórias, para tirar delas qualquer lição, ou apenas para sair um instante da realidade, para passar o tempo. Para ressaltar o outro que nunca conseguiremos fazer do idoso, o outro dele mesmo, que só ele viu e vê, que só ele sentiu e sente e que só ele pode transmitir. A narrativa serve não apenas para nos familiarizar com quem narra, mas, para que nos familiarizemos com aqueles que fizeram parte do mundo de quem conta nos tornando íntimos, velhos amigos.

Sobre isso Ecléa Bosi:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, p. 41, 1987).

¹¹ BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: _____. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Apesar da importância da narrativa, nem tudo nos é contado. Aquilo que o idoso sabe que não interessa socialmente no momento, ou aquela lembrança que se faz cicatriz, sinônimo de vergonha, humilhação e fraqueza, fica retido, sendo sempre rememorado, guardado no relicário que fez ao longo de sua existência, descartando e admitindo lembranças.

As crianças mergulham no vivido contado por idosos, criando desta maneira raízes, não tem que começar do nada, o mundo não é um estranho, familiarizam-se com ele, conhecem ruas, casas, lugares, sem nunca terem ido lá. Por isso para Ecléa Bosi os velhos são essenciais na educação infantil e no modo de fazer do mundo: *Há uma maneira de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora.* (BOSI, p. 75).

Essas crianças são os filhos de hoje, os pais e avôs de amanhã, e a memória será contada porque é uma necessidade social, é uma questão de sobrevivência. As histórias contadas não tem dono, todos somos donos delas, não são importantes apenas para quem ouve, são também importantes para quem conta. A consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz ao ancião a alegria de mostrar sua competência. A vida ganha finalidade quando encontra ouvidos atentos e ressonância.

O idoso tem claro que a função da memória não é reconstruir o tempo, menos ainda anulá-lo, o passado não é antecedente do presente, mas sua fonte, as lembranças não são originais, nunca foram: *Somos de nossas recordações apenas testemunhas, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante aos outros para que confirme a nossa visão [...]* (BOSI, p. 407).

Talvez seja difícil envelhecer em uma sociedade como a nossa, que não reconhece a importância social do idoso, que descarta cada vez mais suas memórias e seus conselhos cuja autoridade de dá-los fora conquistada ao longo de muitos rasgos e costuras, como se estes não abarcassem mais a realidade de ninguém, talvez seja difícil envelhecer em uma sociedade que não fala as claras, que máscara respeito, que exige jovialidade. O discurso sobre a velhice acaba tornando crime, algo que deveria ser saudável por ser natural.

Toda palavra vem carregada de valores, baseando-se em relações contrastivas. Se o moderno é bom o obsoleto é ruim, se o antigo é desconsiderado o novo é prestigiado; se a sociedade sofre transitoriedades contínua é recusado o desatualizado. O que passou não serve,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

precisa de outro destino. O problema está em como usar os enunciados, tanto para objetos quanto para pessoas. Se a palavra nos faz ser quem somos porque somos também constituídos pela linguagem.

Se for a palavra que estereotipa, que define, que reprime, é também ela que cria, que conta, que eterniza, que permite existências, que cria mundos fantásticos, que nos torna natural ao estranho, que cria esperanças, que sabe que a dor vai passar, que dá conselhos, que une o começo ao fim, que torna calma as águas turvas.

Essas são discussões que de uma forma mais simples devem ser debatidas nas salas de aula, assim como se discute a importância dos povos negros e indígenas, não o tomando por vítimas de processos “civilizatórios”, mas evidenciando seus legados culturais, mostrando-os como atuantes, como produtores e sujeitos.

No Brasil, a despeito do crescimento do número de idosos e das indicações legais apresentadas na Política Nacional do Idoso e no Estatuto do Idoso¹², as escolas de ensino fundamental ainda não incluíram em seus currículos conteúdos sobre a velhice, os idosos e o envelhecimento, muito embora sejam conhecidas experiências de práticas educativas pontuais envolvendo relações entre idosos e crianças, como, por exemplo, visitas de alunos e professores a instituições asilares e comemoração do Dia dos Avós ou do Dia Nacional dos Idosos nas escolas. Os educadores ainda não discutem sistematicamente em suas reuniões de trabalho pedagógico a fundamentação pedagógica que embasaria tais práticas. É fato também que não encontra-se nas bibliotecas escolares quantidade suficiente de títulos de literatura infantil, selecionados intencionalmente, que apresentem imagens tradicionais e contemporâneas e que deem conta da heterogeneidade das formas de envelhecer. Entende-se que, como instituição social, a escola poderia desenvolver programas de leitura, problematizando valores associados ao tema transversal ética, tais como respeito e solidariedade entre crianças e pessoas idosas, por meio de textos de qualidade, apropriados a cada faixa etária.

¹² Estatuto do Idoso. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília: Fetapergs, 2008.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As escolas deveriam desta maneira criar espaços de sociabilidades na efetuação de projetos sobre o idoso, a velhice e o envelhecimento. Para que possamos olhar as pluri-identidades que existem e resistem na sociedade.

Esta poderia iniciar um projeto pedagógico com exemplos próximos: Avós e avôs e estendendo para o avô e a avó do (s) outro (s), afinal quem não se lembra das férias na casa destes? Quem nunca brincou em seus quintais ou na frente de suas casas em lugares que pareciam mágicos? Momentos que as lembranças eternizam. Discutindo a historiografia numa perspectiva de mostrar a existência possível do aluno pela existência de seu pai, de seu avô, bisavô... Evidenciando que o que se sabe em dias atuais em grande parte é fruto de invenção e criação passadas de uma geração para outra. Fazer pipa, brincar de peão, cozinhar, andar por um caminho e não por outro, costurar, enfim, são atividades que não surgiram do nada, mas que foram passadas e ressignificadas de acordo com um tempo de rupturas.

Porque não levar um idoso do bairro até a escola para contar sobre sua história, contando também a história dos outros (memória coletiva). Rememorando a padaria que não existia, a rua que fora calçada, a escola que fora reformada, a violência que não se fazia presente, as formas de relacionamento. Enchendo os alunos de conhecimento e para, além disso, imergindo-os em mundos fantásticos, fazendo-os imaginar como teria sido refletindo e tomando partido.

E quem sabe assim, os alunos se permitam a ver os idosos e a velhice sobre a ótica de Ruben Alves¹³:

Em oposição aos gerentologistas, que analisam a velhice como um processo biológico, eu estou interessado na velhice como um acontecimento estético. A velhice tem a sua beleza, que é a beleza do crepúsculo. A juventude eterna, que é o padrão estético dominante em nossa sociedade, pertence à estética das manhãs. As manhãs têm uma beleza única, que lhes é própria. Mas o crepúsculo tem outro tipo de beleza, totalmente diferente da beleza das manhãs. A beleza do crepúsculo é tranquila, silenciosa – talvez solitária. No crepúsculo, tomamos consciência do tempo. Nas manhãs, o céu é como um mar azul, imóvel. Nos crepúsculos, as cores se põem em movimento: o azul vira verde, o verde vira amarelo, o amarelo vira abóbora, o abóbora vira vermelho, o vermelho vira roxo – tudo rapidamente. Ao sentir a passagem do tempo, nós percebemos que é preciso viver o momento intensamente. “Tempus fugit” – o tempo foge -, portanto, “carpe diem” – colha o dia. No crepúsculo, sabemos que a noite está

¹³ Alves, R., *Ostra feliz não faz pérola*, SP: Ed. Planeta, 2008.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

chegando. Na velhice, sabemos que a morte está chegando. E isso nos torna mais sábios e nos faz degustar cada momento como uma alegria única. Quem sabe que está vivendo a despedida olha para a vida com olhos mais ternos...

Enfim, os legados de uma geração só podem ser transmitidos às gerações seguintes através da palavra, porque o que pode transmitir é o sentido daquilo que foi vivido e não a vivência concreta. Assim, pensando não apenas na necessidade da apropriação da própria história, mas também na função social da transmissão da história da qual o sujeito é portador, torna-se necessário criar situações nas quais essas histórias, as experiências vividas, sejam lembradas, ressignificadas e contadas para os outros, e esse exercício deve ser efetuado também e principalmente no interior das salas de aula. Afinal, depois do filho, vem o pai, o avô...

Referências

ALVES, Ruben. *Ostra feliz não faz pérola*, SP: Ed. Planeta, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1990. (P. 363-364).

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: _____. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro. Record , 1987 (p.158).

_____ Estatuto do Idoso. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília: Fetapergs, 2008.

HESÍODO. *Teogonia, A Origem dos Deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo: Iluminuras, 1992.

SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1984.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-socráticos. Primeiros mestres da filosofia e da ciência Grega*. 2ª edição. Porto Alegre: edipucrs, 2003. P. 167-271.

TODARO, Mônica de Ávila. *Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental*. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

